



Fonte de inspiração e viagens

Guilherme Ribeiro de Macêdo

Recebi um e-mail do prof. Luis Felipe, há duas semanas, com um convite: o de escrever um texto, sobre um tema livre, até o dia 05 de março. Eis que estou escrevendo em 05 de março, já que a melhor inspiração de qualquer tarefa é o prazo, pelo menos no meu caso.

Como estou chegando de férias longas, os temas que tenho em mente são basicamente observações deste período "não produtivo".

Primeiramente, como não tirava férias deste tamanho desde 2006, eu achei que seria uma boa ideia ficar fora por 30 dias. Vi que foi um erro. 15 dias são mais do que o suficiente para descansar a mente. Mais do que isso é exagero, e até diria que é "quase uma aposentadoria".

Depois disto, eu "engordei" a estatística, no Banco Central, sobre os gastos de brasileiros no exterior. Fui para os EUA, visitar uma sobrinha que nasceu recentemente e, "sem querer", voltei com sete bagagens cujo excesso foi devidamente declarado para a Receita Federal. Logicamente, mesmo pagando o excesso, o preço médio dos itens comprados ficou bem mais baixo do que o seu correspondente, se comprasse tudo aqui. E isto gera, em qualquer brasileiro, a pergunta inevitável do porquê desta diferença. Bem, enquanto eu estava lá, não parei para pensar nisto, apenas comprei. Um par de 10 meias de alta qualidade me custaram R\$ 15,00 (após a conversão!); um carrinho para bebês, por R\$ 600,00 (o que, aqui, custa cerca de R\$ 3.500,00). E por aí afora. Não achei coisa alguma que fosse mais caro do que no Brasil, exceto os restaurantes, mas cujos preços já estão quase iguais. Estamos chegando lá! Mas por que isto ocorre, mesmo? Os mais apressados dirão que a culpa são dos impostos e dos políticos, da corrupção, etc., etc. Estes itens entram na culpabilidade do preço salgado. Mas a questão ainda está longe de se restringir só a isto. Por exemplo, percebi que, lá, o carro mais básico tem um motor de 1.4 l., e custa cerca de US\$ 10.000 dólares. E, aqui, o mais básico tem um motor de 1.0 l., e custa o mesmo preço, já convertido pelo câmbio. Por que a montadora irá cobrar o mesmo valor por um carro com um motor 1.4, aqui, se o piso para o mesmo carro, mas com motor 1.0, é R\$ 27.000,00? E isto é assim porque o Governo Brasileiro insiste em incentivar a produção deste carro, chamado "popular". O que relatei, a respeito da indústria de automóveis, também ocorre em outros setores como os de cosméticos, perfumes e vestuário. O produto nacional, em geral

de pior qualidade, já que a produtividade da mão-de-obra brasileira é menor, em comparação com a dos países desenvolvidos, gera um piso de preço que acaba sendo referência para os produtos importados. É certo que, mesmo que custem menos, quando convertidos pela taxa cambial, por questão de referência, custarão mais caro, para o consumidor final (que é quem “paga a conta toda”, ao final da cadeia) e vai “engordar” a margem do exportador. Não por acaso, há várias marcas americanas e europeias famosas desembarcando por aqui, pois sabem que o brasileiro consumirá e ampliará a margem de lucro das matrizes destas griffes. Um exemplo contemporâneo do consumismo brasileiro exagerado são os “rolezinhos”: engana-se quem acha que sejam um grupo de pessoas à margem da sociedade que querem somente passear no shopping e aparecer. Alguns deles vão para o shopping para consumir mesmo, pagam muito caro por camisas, bermudas, tênis chamados “de marca” com o objetivo de se satisfazerem e de serem socialmente reconhecidos. Como o crédito está facilitado através dos cartões, geralmente o custo deste “fenômeno social” sobra para as suas mães, que parcelam a compra em muitas prestações. Em resumo, o brasileiro paga mal e caro (mesmo quando não pode!!!) porque não tem referência. Tudo isto é um reflexo de uma educação ruim, que gera uma grave distorção de valores.

Quando eu estava em São Francisco, vi a polêmica camisa da Adidas à venda, que posteriormente foi retirada, a pedido do Governo Brasileiro. Cerca de 15 dias após a visita a São Francisco, eu estava em Nova Iorque, em um restaurante brasileiro que fica na Little Brazil, matando a saudade de quiabo com arroz. Sentados ao meu lado estavam dois americanos (um casal) que desejavam saborear a caipirinha. Após uns quinze minutos, este mesmo casal começou a conversar um pouco mais alto e foi inevitável escutá-los. Deu para ouvir que o americano morou no Brasil por uns 5 anos, e que a sua namorada foi uma vez ao Rio, mas em uma passagem bem breve. Foi uma conversa em tom cada vez mais alto, e estavam sempre mais animados e com saudades do Brasil. Afinal, só falavam bem do país quando, de repente, aparece na TV do restaurante – um restaurante brasileiro que se preze tem que ligar no canal líder da TV aberta brasileira – o símbolo maior: a mulata sambando em uma vinheta de carnaval. Sem pestanejar, o americano solta em alto e bom som: “It is Brazil!!!!” Mais um tempinho, recomeça a novela e mostra uma conversa entre mãe e filha, sendo que, na cena em questão, a filha está apenas de calcinha e uma camiseta apertada. Novamente, o americano aponta para a TV e exclama: “Amazing!!!!” E, depois, queremos impedir a Adidas de vender uma inocente camisa.

Na hora de ir embora para o aeroporto, contratei o serviço online chamado SuperShuttle. Na van, havia oito pessoas: duas holandesas, eu e minha esposa, dois italianos, uma canadense e o motorista paquistanês. O motorista não sacou a nacionalidade dos presentes exceto a minha e da esposa em função de quê? DAS MALAS!!!!

Chegando em Guarulhos, vocês já sabem o desfecho nada feliz desta história, certo? Gritaria, espaço de menos, tanto para pessoas quanto para o avião, pois não tem pista suficiente, atrasos, falta de luz, etc., etc...

O que nos anima, então, a voltar? E por que 15 dias foram pouco? Não importa onde nossa casa e família estejam, sempre geram saudades e aquela sensação gostosa do retorno. Além disto, meu trabalho é aqui no Brasil...

Ou, como naquele antigo ditado: "Aqui se faz, aqui se paga..." E muito bem pago, diga-se de passagem...